

# A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

## Understanding and practicing of mercifulness in different religions

Suzana Terezinha Matiello<sup>1</sup>  
Tarcisio Padilha<sup>2</sup>

### Resumo

Papa Francisco, em ocasião da proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, na bula *Misericordiae vultus*, declara que a “misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja” (23). Essas palavras motivaram a preparação deste artigo, que visa refletir sobre a compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões, por meio de revisão da literatura e do discurso de conferencistas de um evento inter-religioso de 2016. Para tanto, este divide-se em duas partes: a primeira, contempla a perspectiva monoteísta de judeus, cristãos e islâmicos; a segunda, expõe o ponto de vista do budismo. Observa-se que as religiões analisadas têm grandes pontos de convergências na interpretação do conceito misericórdia e de sua prática, mesmo que em alguns detalhes apresentam singularidades. Também se percebe que as religiões interessadas em discutir temas afins tendem ao exercício da misericórdia no respeito, na estima e na colaboração com os seguidores das demais religiões. Por fim, constata-se como necessário fazer crescer uma cultura de misericórdia, como convida papa Francisco (20).

### Palavras-chave

Religiões. Compreensão. Prática. Misericórdia. Compaixão.

### Abstract

Pope Francis, on the occasion of the proclamation of the Extraordinary Jubilee of Mercy, in the bull *Misericordiae vultus*, declares that “mercy has a value that goes beyond the borders of the Church” (23). These words motivated the preparation of this article, which aims to reflect on the understanding and practice of mercy in different religions, through a review of the literature and the speech of speakers at an interreligious event in 2016. For this, it is divided in two parts: the first, contemplates the monotheistic perspective of Jews, Christians and Islamists; the second, exposes the point of view of Buddhism. It is observed that the analyzed religions have great points of convergence in the interpretation of the concept of mercy and its practice, even though in some details they present singularities. It is also clear that religions interested in discussing related topics tend to exercise mercy in respect, esteem and collaboration with followers of other religions. Finally, it appears that it is necessary to grow a mercy culture, as pope Francis invites (20).

### Keywords

Religion. Understanding. Practice. Mercifulness. Compassion.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Teologia Moral Social pela Pontifícia Facoltà Teologica dell’Italia Meridionale (Istituto Teologico Calabro S. Pio X di Catanzaro). Bacharel em Teologia pelo Istituto Teologico Calabro S. Pio X di Catanzaro. Licenciada em Ciências da Religião pela Facoltà Teologica di Sicilia (Istituto Superiore di Scienze Religiose S. Luca – Catania). Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato. Contato: [susimatiello@gmail.com](mailto:susimatiello@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bacharel em Teologia pela Católica de Santa Catarina. Bolsista da Fundação Araucária/CAPES. Contato: [tarcisio.padilha@catolicasc.org.br](mailto:tarcisio.padilha@catolicasc.org.br).

## INTRODUÇÃO

Entre as páginas mais significativas do pontificado de Francisco, sem dúvidas, encontra-se a proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia pela bula *Misericordiae vultus*, como a evidenciar um grande abraço de Deus para a humanidade.

Este artigo tem o objetivo de expor alguns aspectos da misericórdia na perspectiva de algumas religiões. Para isso, percorre-se os momentos significativos de um evento<sup>3</sup> ecumênico e inter-religioso, que reuniu expoentes das diferentes religiões para apresentarem, por palavras e pela própria dinâmica de encontro entre eles, uma reflexão sobre a misericórdia em suas tradições religiosas.<sup>4</sup> Portanto, não somente teoria, mas realidade prática, abertura para compartilhar a visão da compreensão e da vivência da misericórdia na respectiva religião. Uma experiência reveladora, tangível a sinergia entre os expoentes religiosos e os participantes do evento, algo que não pode permanecer circunscrita a uma data, mas é necessária retornar, refletir e compartilhar.

Assim, este artigo, bem como foi o evento, pretende refletir sobre a misericórdia para além das fronteiras da compreensão de apenas um grupo religioso, ainda que ciente do lugar de onde se fala – da compreensão cristã, especificamente católica. Como declara Papa Francisco (2015), na bula *Misericordiae vultus*, em ocasião da proclamação do jubileu extraordinário, “a misericórdia possui uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja” (23). Essas palavras foram motivo de inspiração para a organização do evento e agora deste artigo, pois como bem afirma o pontífice, “somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros” (20).

Os expoentes das religiões reportam fatos que facilitam uma maior compreensão da prática da misericórdia na própria religião. O evento contou com a presença de dois conferencistas do cristianismo (a Igreja católica foi representada pelo professor cônego José Bizon<sup>5</sup> e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB – pelo pastor Geraldo Graf),<sup>6</sup> um do judaísmo, o rabino Rogério Cukierman,<sup>7</sup> um do islamismo, o sheik Houssam El Boustani,<sup>8</sup> e do budismo, o reverendo Kazuyoshi Nakahara<sup>9</sup> da comunidade Risho Kossei Kai do Brasil (acompanhado da tradutora Hiromi Sasaki).

---

<sup>3</sup> Cristãos, budistas, judeus e muçulmanos se encontraram no dia 26 de outubro 2016. Eram cerca de 80 pessoas reunidas na capital paulista para o evento sobre a *Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões*, organizado pelo Movimento dos Focolares e pela Casa da Reconciliação da Arquidiocese de São Paulo. O evento também foi transmitido *on-line*: <https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-misericordia.html?m=1>.

<sup>4</sup> Os palestrantes do evento autorizaram a publicação de seus discursos neste artigo.

<sup>5</sup> É professor na faculdade teológica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, diretor da Casa da Reconciliação, assessor eclesialístico para o ecumenismo e diálogo Inter-religioso para o regional sul da Conferência dos Bispos do Brasil.

<sup>6</sup> Além de pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, na ocasião do evento de 26 de outubro 2016, exercia o cargo de pastor sinodal do Sínodo Sudeste.

<sup>7</sup> Rabino na Congregação Israelita Paulista.

<sup>8</sup> Membro-fundador do Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos no Brasil; presidente do Centro Interfé das Américas, escritor e diretor da Universidade Americana para estudos humanos – campus do Brasil; consultor religioso e educacional do Instituto Futuro do Brasil.

Não intenciona-se esgotar a temática, ainda mais apenas de um ponto de vista, mas, antes de analisar o tema a partir das respectivas religiões, considera-se relevante tomar como uma breve iluminação a etimologia da palavra misericórdia descrita pelo papa Francisco (2016, p. 37): “misericórdia significa abrir o coração ao miserável [...] é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar”.

## **1 A COMPREENSÃO E A PRÁTICA DA MISECÓRDIA NAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS**

### **1.1 O judaísmo e a aplicação da misericórdia**

É significativo notar as palavras da declaração *Nostra aetate* sobre a Igreja e as religiões não cristãs, de modo particular, em relação ao judaísmo, quando assume que “a Igreja não pode esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga aliança”. Nesse sentido, os padres conciliares do Vaticano II afirmam:

Sondando o mistério da Igreja, este sagrado concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão. Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão segundo a fé, estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento (NA 4).

Mais recentemente, o papa Francisco, participando do simpósio *A teologia após a Veritatis gaudium no contexto do Mediterrâneo* na Pontifícia Faculdade de Teologia da Itália Meridional de Nápoles, recorda a importância do diálogo inter-religioso e sobre os judeus aconselha que “formar os estudantes no diálogo com os hebreus envolve educá-los no conhecimento de sua cultura, de seu modo de pensar, de sua linguagem, para compreender melhor nossa relação no âmbito religioso” (ACI DIGITAL, 2019).

O rabino Rogério Cukierman (2016) partindo do significado laico do termo misericórdia, lançando mão do dicionário Aurélio – compaixão suscitada pela miséria alheia; indulgência, graça ou perdão; grito de quem pede compaixão, piedade ou socorro, defende a tese de que misericórdia não evidencia exatamente uma relação autenticamente humana, pois revela uma assimetria de relações. Antes, é uma relação de poder de alguém que se encontra favorável para com outra que não está. Argumenta que talvez o termo seria bem aplicável à relação entre Deus e os seres humanos, mas não entre humanos.

Por isso, recorre ao significado do termo solidariedade – laço ou vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes; sentido moral que vincula a vida, aos interesses e as

---

<sup>9</sup> O reverendo é o responsável da comunidade budista Risho Kossei Kai do Brasil.  
**Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 7, n. 11, p. 196-210, jul./dez. 2019  
198 ISSN 2595-8208

## A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

responsabilidades de um grupo social, de uma nação ou da própria humanidade; relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar os outros. Este termo, na compreensão laica, estaria, segundo o rabino, mais próximo à compreensão de misericórdia que a fé judaica gostaria de propor, pois esta funda-se em relações de reciprocidade e igualdade entre seres criados à imagem divina, logo, merecedores, cada qual e todos, da mesma dignidade que a imagem divina as confere.

Diante disso, recorda que no pentateuco (Torá), encontram-se 36 vezes o mandato para que os hebreus protejam a viúva, o órfão e o estrangeiro (com alguma variação), “porque fostes estrangeiros na terra do Egito” (Dt 10, 19). Portanto, essa obrigação “não vem de um sentimento de superioridade, pelo contrário, vem de um sentimento de identidade de ter sido oprimido um dia. É o fato de que um dia fomos oprimidos, que faz com que tenhamos a obrigação de dar proteção para aquele que hoje é oprimido” (CUKIERMAN, 2016).

O termo hebraico *tsêdek* (justiça – mesma raiz de *tsedakar*, por alguns traduzido por caridade) também agrada Cukierman (2016), pois acredita que quando se faz algo por alguém, não se deveria agir apenas por uma bondade do coração, antes se deveria fazer “pelo reconhecimento de que tem alguma coisa quebrada no mundo quando eu tenho colegas meus, seres humanos, vivendo na rua, na chuva, no frio, no calor, e quando eu ajo para mudar essa situação, estou agindo por um sentimento de justiça”.

Ademais, o rabino evidencia, entre os profundos significados da compreensão e da prática da misericórdia no judaísmo, a missão que todo ser humano é chamado a realizar, ou seja, consertar o mundo, o que, na língua hebraica, chama-se *tikkum olam*. Ainda, explica que o mundo está quebrado, como todos nós estamos quebrados. Por esse motivo, sublinha:

Quando a gente anda pela rua e vê alguém que está quebrado, ele está quebrado como cada um de nós está também quebrado, e como o mundo que é criado por Deus – que é bom, misericordioso e perfeito – também está quebrado. Tem um ditado da cabala que diz: “Não tem nada que você possa quebrar e que você também não possa consertar” (CUKIERMAN, 2016).

Assim, cada ser humano é convidado a concertar o mundo (*tikkum olam*), sendo um mensageiro esperançoso para quem se encontra em situações vulneráveis, restabelecendo sua dignidade e construindo um mundo mais humano. Por fim, citando o rabino e ativista humanitário, Abraham Joshua Heschel, Cukierman recorda que não se pode adorar a Deus e depois sair e olhar para outro ser humano, criado a sua própria imagem, como se ele fosse um animal.

## 1.2 A compreensão e a prática da misericórdia no cristianismo

### 1.2.1 A Igreja católica e a prática da misericórdia

Bizon (2016) assegura que a compreensão e a prática da misericórdia no cristianismo, e de modo particular no catolicismo, teve uma nova conotação com a publicação da bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae vultus*, do papa Francisco no dia 11 de abril de 2015, terceiro ano de seu pontificado. Contudo, recorda que a Igreja, desde a sua origem, sempre falou da misericórdia e

se voltarmos à Igreja primitiva, no Novo Testamento, vamos encontrar várias passagens sobre a misericórdia. [...] Também nos padres da Igreja, em Antioquia, Capadócia, por exemplo, encontramos muitos textos sobre a misericórdia. O cristianismo assumiu a herança da tradição judaica, o ensinamento dos profetas sobre a proteção do órfão, da viúva e do estrangeiro (BIZON, 2016).

Assim, o cônego destaca que a herança cristã provém primariamente dos irmãos judeus, por isso, aprende-se muito com irmãos e irmãs da família abraâmica sobre a misericórdia, como também de outros irmãos e irmãs de diferentes tradições religiosas, exemplo disso, é o caso da tradição muçulmana que afirma que Deus é misericordioso.

Ainda Bizon (2016), na dinâmica da compreensão e prática da misericórdia no cristianismo, destaca um parágrafo significativo sobre a misericórdia na bula *Misericordiae vultus* (2) do papa Francisco:

Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

Além desses aspectos, o padre ainda cita do documento pontifício que “‘paciente e misericordioso’ é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus” (6). Sobre a misericórdia, destacando o refrão do salmo 136 – “eterna é a sua misericórdia”, assegura que o nome de Deus é misericórdia, pois Deus é misericordioso (7). Recorda que no Novo Testamento, encontram-se ainda muitas citações dedicadas à misericórdia. Do mesmo modo, por parábolas “Jesus revela a natureza de Deus como a de um pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia” (9).

Nessa perspectiva, acompanhando o documento pontifício, Bizon faz mais algumas considerações em que se capta a dinâmica que é intrínseca na concepção da misericórdia no cristianismo. Em Lucas, ao longo do capítulo 15 existem três parábolas: a da ovelha perdida, a da moeda perdida e a do filho pródigo ou do pai amoroso, do pai misericordioso (9). Destaca ainda a cena na qual Jesus se encontra com a viúva de Naim chorando a morte do filho (8). Nesta ocasião, Jesus vai ao encontro da multidão silenciosa e da mãe e pergunta: “Por que

## A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

choras?”. O cônego enfatiza que a essa mãe viúva e com o filho morto, Jesus poderia ter feito qualquer outra pergunta, mas resolveu dizer: “Por que choras?”. E Jesus devolve ao jovem a vida, convidando-o a levantar e continuar sua trajetória.

O sacerdote acrescenta à reflexão outros dois textos que expressam a manifestação da misericórdia pelos gestos de Jesus: o encontro com Zaqueu, Lucas 19,1-10, em que Jesus diz: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também esse homem é um filho de Abraão. De fato, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (v. 9-10); o encontro com a mulher acusada de adultério pelos doutores da lei e pelos fariseus (Jo 8,1-11) em que Jesus confronta-os: “Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra” (v. 7). Esclarece padre Bizon (2016) que “Jesus não disse para ela que não era pecadora e nem que não tinha pecado, ele só disse: ‘Quem não tiver pecado atire a primeira pedra’ e depois disse a ela: ‘Vai e não peques mais’, mas ele não a condenou por isto”. Nesse contexto, pode-se afirmar que, nas parábolas e outros textos do Novo Testamento, encontra-se a misericórdia como um hino à vida.

Retornando a bula de Francisco, salienta Bizon (2016) que “quando nos referimos ao papa Francisco, não podemos dizer que ele esteja tão preocupado em definir minuciosamente o significado da palavra misericórdia; por sua experiência, por sua vivência e por sua habilidade pastoral, o pontífice nos convida a experimentar a misericórdia como um caminho que se inicia com uma conversão pessoal”. Com o papa pode-se dizer que é na sinergia de conversão e vida que não devemos esquecer que Deus perdoa tudo, e perdoa sempre.

Outra perspectiva que Bizon (2016) evidencia no contexto da bula é o modo como os cristãos são chamados a concretizar a misericórdia:

Papa Francisco nos lembra das obras de misericórdia, as corporais e as espirituais. É onde a gente vai externar, de fato, a presença de Deus, a fé que temos em nós, através desses gestos: “dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos” (15). [Essas] são as obras de misericórdia corporais. [Há] depois as obras de misericórdia espirituais: “aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos” (15).

Ademais, o sacerdote recorda que tendo se passado mais de 50 anos da declaração *Nostra aetate*, promulgada em 1965, para o diálogo inter-religioso, “somos ainda como crianças aprendendo a dar os primeiros passos. Estamos engatinhando, e assim a gente vai caminhando”. Antes de concluir, enfatiza a importância de organizar momentos de encontro entre diferentes tradições religiosas para pensar temas comuns, rezar juntos e partilhar a vida.

Por fim, destaca que “a misericórdia e o perdão são importantes nas relações sociais pessoais e nas relações entre as religiões” (BIZON, 2016). É na dinâmica da teologia narrativa, de relacionamentos profundos e verdadeiros, que aprendemos uns dos outros o real significado da misericórdia. Os apóstolos, na escola de Jesus mestre, fizeram a experiência da misericórdia

de Deus, receberam o dom que Deus quer oferecer a todos os homens: seu próprio ser. Os cristãos são chamados, a exemplo de Jesus, ser misericórdia para cada próximo.

### 1.2.2 A vivência da misericórdia na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

O pastor Geraldo Graf ressalta que temas como a misericórdia são transversais e fala-se em uma mesma linguagem, por isso, nos relacionamentos, nos encontros, quando discorre-se sobre esses temas, percebe-se os pontos que existem em comum.

Também para a IECLB, o tema da misericórdia é central no estudo e na prática, assegura o pastor. Ademais, recorda alguns textos do Antigo Testamento sobre a temática: Salmo 103,8, Oseias 11,8, Êxodo 33,19, entre outros. Estas e outras passagens “afirmam categoricamente um testemunho muito forte de que Deus é misericordioso e compassivo”. O pastor ainda destaca:

Deus é misericórdia. A misericórdia é um atributo exclusivo de Deus, e nós, seres humanos pecadores, não somos naturalmente misericordiosos. Essa é nossa concepção luterana. Nós dependemos integralmente da misericórdia de Deus e só vamos praticar a verdadeira misericórdia a partir da misericórdia divina. Podemos ser bons, mas misericordiosos de fato só por meio da misericórdia de Deus. [...] alguns textos entre eles, Lucas 1,50; 1,72; 1,78, textos do Magnificat e do Benedictus – o cântico de Maria e de Zacarias [...] cantam a misericórdia de Deus. (GRAF, 2016).

Em Lucas 18,9-14, na parábola do fariseu e do publicano, Graf (2016) faz notar como a mensagem sobre a misericórdia é preciosa, verdadeiro canal de ensinamento do amor de Deus:

o erro do fariseu era querer ser justo, mas sem bondade nem misericórdia. Ser justo apenas não é suficiente; precisa ser misericordioso. Ser bom não pode ser considerado algo que nos torna superiores aos outros. O fariseu se achava tão bom que até Deus estaria em dívida com ele. Por sua vez, o publicano, consciente da sua própria fraqueza, confiou plenamente na misericórdia divina.

A parábola do bom samaritano é outro exemplo de gratuidade no cuidado do outro. Graf (2016) explica que viver a misericórdia como máxima expressão do amor de Deus é a maneira de captar o diferencial que faz do ser humano instrumento desse amor. Na parábola mostra-se

como a misericórdia de Deus acontece e como deve ser a misericórdia humana. O samaritano foi o único dos três [...] que não tinha obrigação alguma de socorrer o homem ferido à beira da estrada. [...] a misericórdia passa por isso: não existe a obrigação, não existe favor na misericórdia. Provavelmente o homem caído na estrada era inimigo do samaritano. Mas este agiu sem segundas intenções, sem interesses. Ele tinha um coração condoído. Daí vem a palavra misericórdia, que significa: o coração que se abre para o miserável, para o sofrido. [...] Jesus diz: eu quero a prática do amor ao próximo, porque é assim que Deus age conosco. Não por obrigação, mas exclusivamente por amor e por bondade. A misericórdia de Deus é uma junção de graça, de bondade e de amor. Juntando esses três, temos a misericórdia.

Portanto, para o pastor, essas parábolas bíblicas não estão presentes nas Sagradas Escrituras apenas para contar história, “mas apontam fundamentalmente para a misericórdia de Deus e são, nesse sentido, um ensinamento muito precioso para nós, seguidores da Palavra, para aprendermos também a praticar a misericórdia a partir daquilo que Deus revela a nós”.

A misericórdia é gratidão, ou seja, “memória do coração”, que nos faz retornar sempre ao desígnio de Deus para a humanidade, como aborda o pastor Graf (2016) ao recordar o convite de Jesus: “Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso” (Lc 6,36). Esse amor, não se trata puramente de esmola ou assistencialismo. Deve ser uma misericórdia ativa.

Ademais, pratica-se a misericórdia porque Deus amou a humanidade primeiro (1Jo 4,19). Como destaca Graf (2016) essa é uma misericórdia que modifica “situações de injustiça e de sofrimento, que restitui a cidadania e a dignidade, que resgata vidas e celebra uma nova comunhão; é mandamento, que nós praticamos por gratidão; é um dom de Deus que movimenta o nosso coração em direção aos sofredos; é o centro nevrálgico do Evangelho”.

Como luterano, o pastor indica com qual justiça se deve procurar viver em uma sociedade plural, onde o vulto de Cristo é desfigurado em muitas realidades sociais:

ao lermos a biografia de Lutero, constatamos que ele descobriu que a justiça de Deus não é uma justiça vingativa, punitiva, como fora sua concepção e seu drama enquanto estudante de Teologia. Ele descobriu isso a partir da angustiante pergunta: “Como posso encontrar um Deus benigno?” A resposta ele encontrou nas sagradas escrituras: a justiça de Deus é misericordiosa, e Lutero expressa bem isso na interpretação que faz do Salmo 98. Por si só, o ser humano é pecador e não merece a salvação, mas o Deus misericordioso não se deixa impedir por isso e oferece justificação por graça mediante a fé. Esse é um tema forte da Reforma, conforme Romanos 1 e Efésios 2. E tudo isso, tornado realidade através de Jesus Cristo (GRAF, 2016).

Inclusive Graf (2016), ao recordar que a IECLB adotou em 2016 o lema *Por graça de Deus somos livres para cuidar*, afirma que essa libertação não é para deixar a pessoa sossegada, mas para que ela pratique a misericórdia que provém de Deus. Neste sentido, para ilustrar o significado de misericórdia, acrescenta uma história contada pelo escritor alemão Peter Hegel:

Um jovem desempregado, faminto, morador de rua, bate à porta de uma residência para pedir uma esmola. Quem atende é uma senhora idosa, pobre e muito doente, que lhe confessa não ter com que ajudar. Então, o jovem dá meia volta e vai embora. Algumas horas mais tarde, já noite, o jovem retorna e bate à porta da casa daquela senhora doente. Quando ela abre a porta, fica surpresa, pois o jovem lhe entrega alimentos, remédios e dinheiro, tudo o que ele conseguira juntar com a esmola durante o dia. E antes que a senhora possa dizer qualquer coisa, o jovem some em meio à escuridão (GRAF, 2016).

Esta é a dinâmica do amor de Deus que reside em cada ser humano, como encontramos em Mateus: “todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25, 40).

Ademais, Graf (2016) salienta que a misericórdia é colocada em prática a partir do amor de Deus por pessoas com o coração aberto para darem de si mesmas, atentas para enxergar e remediar a dor e o sofrimento alheio, sem com isso esperar ser retribuído. O pastor ressalta que embora as palavras misericórdia e misericordioso apareçam 216 vezes na Bíblia, essas, lamentavelmente, não estão presentes no cotidiano. Por isso, afirma que “na sociedade pós-moderna, hedonista, líquida, marcada por egoísmo e por exploração, nosso agir misericordioso, fruto da misericórdia de Deus, é mais do que imperioso, é testemunho, é voz profética”. Exemplifica a prática da misericórdia na sua comunidade de fé:

Na Igreja luterana, nós traduzimos a palavra “misericórdia” na prática pela palavra “diaconia”. Nós temos a diaconia comunitária. Para dar um exemplo, temos a organização dos grupos de mulheres, a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas), que reúne mais de 30 mil mulheres Brasil afora. Nas comunidades, elas praticam a diaconia comunitária (...). Temos também a diaconia através de diversas instituições como lares de idosos, creches, trabalhos em bairros carentes atendendo crianças e adolescentes que correm risco de vida, escolas, centro sociais, etc.

Portanto, para os cristãos luteranos é necessário colocar em prática a misericórdia, transformar o existir em ações de misericórdia, pois é nesta dinâmica que a vida do cristão, a vida do ser humano é digna de ser vivida.

## **1.2 A compreensão e a prática da misericórdia no islamismo**

Importante são as palavras da declaração *Nostra aetate* sobre o olhar de estima que os cristãos são chamados a ter para com os muçulmanos:

Adoram eles o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra, que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, um apreço à vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum (NA 3).

Assim, a declaração *Nostra aetate* exorta com palavras densas de profundo significado o relacionamento de misericórdia que deve existir entre as duas religiões. Mesmo que no passado houve conflitos o “Concílio exorta todos a que, esquecendo o passado, sinceramente se exercitem na compreensão mútua e juntos defendam e promovam a justiça social, os bens morais e a paz e liberdade para todos os homens” (NA 3).

## A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

Em visita à Pontifícia Faculdade de Teologia da Itália Meridional de Nápoles, anteriormente referida, o papa Francisco (ACI DIGITAL, 2019) convida a dialogar com os islâmicos “para construir o futuro de nossas sociedades e de nossas cidades; somos chamados a considerá-los sócios para construir uma convivência pacífica”. Destaca ainda a importância de, nas faculdades teológicas e nas universidades eclesiais, serem promovidos “cursos de língua e cultura árabe e hebraica e conhecimento recíproco entre estudantes cristãos, judeus e muçulmanos”.

Nessa perspectiva, também o sheik Houssam El Boustani (2016), contribui para a reflexão, citando o Alcorão, ao afirmar que a qualidade central de Deus na religião islâmica é a misericórdia: “Deus disse: ele é Deus. Não existe Deus senão ele, O sabedor do invisível e do visível, ele é o misericordioso, o misericordioso” (22, cap. 59).

Sobre isso, o filósofo Marcos Luiz Mucheroni (2016, p. 32) pontua que os islâmicos

chamam Deus (*Allah*) de misericordioso, querendo dizer também que parte da presença dele está em nosso ser; recebe os títulos de misericordiosíssimo (*al-Rahman*) e compassivo (*al-Rahim*), nomes mais comuns que aparecem no Alcorão. *Rahman* e *rahim* derivam da raiz *rahmat*, que se refere à ternura e benevolência.

Também, nessa dinâmica da misericórdia, Boustani (2016) recorda que a qualidade principal de Mohamed é a misericórdia (107, cap. Dos profetas). Ainda, nota que pela misericórdia de Deus, Mohamed, tornou-se dócil. Esta atitude, como descreve o texto sagrado do Islã, traz como consequência a proximidade, o indulto, o perdão e a partilha nas decisões: “por uma misericórdia de Deus, tu, Mohamed, tornaste dócil para eles. E, se houvesse sido ríspido e duro de coração, eles se haveriam debandado de teu redor. Então, indulta-os e implora perdão para eles e consulta-os sobre a decisão” (159, cap. 3).

Deste modo, a misericórdia é a categoria chave no Alcorão, sublinha Boustani (2016). Fundamentando melhor, o sheik indica que o texto sagrado é formado por 114 capítulos, sendo que 113 começam com “Em nome de Deus, o clemente, o misericordioso, o misericordioso”. Ainda, explica que “cada movimento ou gesto ou decisão do profeta Mohamed é baseada na misericórdia”. Eis alguns exemplos muito significativos:

**Com seu povo:** que rejeitou o profeta e o torturaram, perseguiram, boicotaram e tentaram assassiná-lo, depois expulsaram-no e mataram seu tio e sua filha e a maioria dos seus amigos. Logo que ele conquistou [a cidade de] Meca disse a eles: “Vão, vocês são livres”. **Com o povo da cidade de Taif:** onde foi apedrejado e quase morto. Então, o Anjo das montanhas desceu por permissão de Deus e disse a ele: “Se você deseja, eu acabo com eles”. A resposta imediata do profeta foi: “Não, um dia nascerá deles alguém que acredita em [um] único Deus”. **Com os animais:** o profeta Mohamed proibiu abusar e judiar dos animais. Como proibiu caçar os animais por mera diversão. E proibiu usá-los como alvo para o treinamento. E não aceitava engaiolar os animais. **Com o meio ambiente:** o profeta Mohamed ensinava aos seus seguidores tratar dignamente e preservar honestamente o nosso meio ambiente. E para isso, educava os seguidores para usar corretamente e

economizar a água, tratar bem os animais, respeitar e plantar árvores, não poluir [o meio ambiente]. De maneira geral, ele proibiu prejudicar nosso planeta por qualquer motivo que seja (BOUSTANI, 2016, grifos do autor).

Portanto, sobressaem-se dos exemplos, as atitudes do profeta Mohamed que a tradição islâmica preserva e que geram a compreensão e a prática da misericórdia na própria tradição. Neste ponto, uma novidade destaca-se: a misericórdia manifestada pelo perdão dado ao seu povo que o rejeita e para com o povo que o persegue, estende-se no cuidado com os outros seres vivos e na preservação do meio ambiente. Pode-se dizer que esta é uma visão prática mais ampla do conceito misericórdia.

## 2 O BUDISMO E A PRÁTICA DA COMPAIXÃO

A Igreja católica também se abre ao diálogo com as religiões orientais, de modo especial com o budismo. Em relação ao budismo, chama a atenção o que escreve o influente teólogo Romano Guardini (1950 apud LUBICH, 1986, p. 46, tradução nossa):

Existe um homem somente que se assemelhou a Jesus. Trata-se de Buda. Este homem é um grande mistério. Ele viveu em uma liberdade extraordinária, sobre-humana e ao mesmo tempo possuía uma bondade muito forte, uma potência universal. Talvez, Buda será o último grande homem com o qual o cristianismo deverá se defrontar. Talvez Cristo não tenha tido um precursor somente no Antigo Testamento, João Batista, o último dos profetas, e um proveniente do coração da cultura grega, isto é, Sócrates, mas existiu um terceiro que disse a última palavra sobre conhecimento religioso oriental e na sua superação: é o Buda.<sup>10</sup>

O pensamento de Guardini faz entender em profundidade o que declarou o Concílio Vaticano II com o documento *Nostra aetate* em relação ao budismo, afirmando que “reconhece-se a radical insuficiência deste mundo mutável, e propõe-se o caminho pelo qual os homens, com espírito devoto e confiante, possam alcançar o estado de libertação perfeita ou atingir, pelos próprios esforços ou ajudados do alto a suprema iluminação” (NA 2). Neste sentido, o documento evidencia que a Igreja católica acolhe também elementos das diferentes religiões que se apresentam como belo e santo.

Segundo o reverendo Kazuyoshi Nakahara (2016), o mestre fundador Nikkyo Niwano da Risho Kosei-kai<sup>11</sup> salienta que é importante ser consciente “de que Buda está sempre ao

---

<sup>10</sup> “C’è un solo uomo che ci può suggerire l’idea di una vicinanza con Gesù. Si tratta del Buddha. Quest’uomo è un grande mistero. Egli è vissuto in una libertà straordinaria, sovrumana e nello stesso tempo era di una bontà tanto forte quanto lo è una potenza universale. Forse, il Buddha sarà l’ultimo grande uomo con cui il cristianesimo dovrà confrontarsi. Forse Cristo non ha avuto un precursore solo nell’Antico Testamento, Giovanni l’ultimo dei profeti, e uno venuto dal cuore della cultura greca e cioè Socrate, ma ne ha avuto un terzo che ha detto l’ultima parola sulla conoscenza religiosa orientale e sul suo superamento: è il Buddha” (GUARDINI, 1950 apud LUBICH, 1986, p. 46).

<sup>11</sup> A Risho Kosei-kai é uma entidade de leigos budistas, fundada no dia 5 de março de 1938, no Japão, por Nikkyo Niwano e Myoko Naganuma. Os membros inspiram-se nos ensinamentos do Buda Shakyamuni e tem o Tríplice Sutra de Lótus (Sutra dos Inumeráveis Significados, Sutra de Lótus da Lei Maravilhosa e o Sutra da Meditação sobre o Bodhisattva Virtude Universal). Atualmente, é presidida por

## A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

nosso lado, aceitar profundamente a sua compaixão e fazer a prática voltando o nosso coração somente a Buda”. No budismo, a categoria da misericórdia é entendida como compaixão, isto é, para os budistas compaixão é similar à misericórdia. Assim, o reverendo esclarece que

a palavra “compaixão” tem sua origem no ideograma da palavra “*jihi*” [em japonês]. O ideograma *ji* significa “sentimento de querer dar alegria ao próximo” e o ideograma *hi* significa “sentimento de querer eliminar o sofrimento do próximo”. Esses dois ideogramas compõem o significado de compaixão no budismo (NAKAHARA, 2016).

Ademais, no budismo acredita-se que todos os seres humanos possuem compaixão e o objetivo do budismo é tornar-se um Buda, e, para isso, existe uma condição: viver a misericórdia, viver a compaixão no dia a dia. Conforme o reverendo, Nikkyo Niwano revelou com palavras do cotidiano o ensinamento do budismo e o verdadeiro sentimento de Shakyamuni Buda e dá um exemplo:

Durante uma viagem a trabalho no Japão, dentro de um trem-bala, o mestre fundador Nikkyo Niwano havia ido à toailete e demorou um tempo razoável para voltar. O seu secretário ficou preocupado e, quando ele voltou, perguntou-lhe se estava tudo bem. O mestre respondeu: “É que o banheiro estava sujo e fiquei limpando um pouco” Se fôssemos nós, o que faríamos em situação semelhante? Provavelmente, consideraríamos a toailete suja como uma situação desagradável, fecharíamos a porta de imediato e procuraríamos por uma outra toailete. Se a outra estivesse ocupada, iríamos procurar por uma outra em outro vagão; andaríamos até encontrar uma limpa. Entretanto, para o mestre fundador, ter encontrado tal situação foi meramente uma oportunidade de fazer uma prática da compaixão. Realizando a prática da compaixão, cultivaremos a nossa alma e a nossa mente (NAKAHARA, 2016).

Percebe-se, no relato desta experiência de Nikkyo no trem, que o fundador da Risho Kossei-kai descobriu no “Sutra do Lótus, um texto sagrado do budismo, uma luz que deveria iluminar sua vida e a de milhões de pessoas: a misericórdia de Buda é como as flores de lótus que crescem na lama; assim, também nós devemos fazer florescer em meio à sociedade a misericórdia e a verdade de Buda” (LUBICH, 1986, p. 42, tradução nossa).<sup>12</sup>

Por fim, o reverendo Nakahara (2016) evidencia que a compaixão de Buda é proporcionar que as pessoas tenham o verdadeiro encontro no momento presente, encontro com elas mesmas em conexão com todos os seres viventes, pois tudo está interligado.

---

Nichiko Niwano e conta com diversos seguidores no Japão e em outros países, inclusive no Brasil (RISHO KOSEI-KAI, 2019). É importante mencionar a participação de Nikkyo Niwano como observador na abertura da quarta sessão do Concílio Vaticano II. Nikkyo afirmava que o único caminho para salvar a humanidade é o da cooperação entre as religiões. Em setembro de 1965, Nikkyo “foi recebido por Paulo VI, a quem confiou que dedicaria os próprios esforços à causa da paz no mundo” (RÁDIO VATICANA, 2016).

<sup>12</sup> “Nikkyo Niwano, figlio di contadini del Giappone settentrionale, aveva scoperto nel Sutra del Loto, un testo sacro del buddhismo, una luce che dovenna illuminare la sua vita e quella di milioni di altri: la misericordia di Buddha è come i fiori di loto che crescono nella melma; così anche noi dobbiamo far fiorire in mezzo alla società la misericordia e la verità di Buddha” (LUBICH, 1986, p. 42).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano dedicado à misericórdia pelo papa Francisco, 2016, teve reflexos positivos e surpreendentes. Debates em vários âmbitos da sociedade, do nível acadêmico ao civil e pastoral, proporcionaram muitas descobertas. É entre estes debates frutuosos que se encontra o evento que reuniu expoentes de diferentes religiões para refletir sobre a compreensão e a prática da misericórdia e do qual fornece subsídios para a construção deste artigo.

Recorre-se, constantemente, ao longo deste artigo à documentos da Igreja católica e do pontificado de Francisco, por tratar-se do local de fala dos autores, mas intentou-se dar, o máximo possível, voz aos conferencistas do evento e verificar os elementos em comum e a diversidade interpretativa do conceito misericórdia. Por isso, percorrendo a visão de misericórdia nas diferentes religiões expostas, pode-se observar que existe um fio condutor comum, que liga as religiões na prática e na compreensão da misericórdia, para a vivência de uma sociedade mais justa. Das citações dos representantes religiosos se pode captar uma visão de misericórdia que reflete na vida civil, isto é, com repercussão na vida pessoal e na sociedade.

Do judaísmo pode-se perceber que sem sua riqueza interpretativa do Antigo Testamento, dificilmente cristãos e islâmicos poderiam compreender e interpretar seus próprios conceitos, de modo particular, o de *misericórdia*. Sobressai-se a interpretação do rabino Rogério Cukierman que alerta para o fato de que na sociedade civil, especificamente a brasileira, nem sempre se compreende de uma forma adequada o termo, relacionando-o a um sentimento de poder, ou seja, superioridade daquele que se sente compadecido por aquele que padece. Concorde-se com a necessidade de, por vezes, empregar outros termos, pois como bem elucida o rabino, por exemplo, os termos bíblicos misericórdia e justiça são afins. Portanto, agir com misericórdia não significaria um ato de pena em relação àquele que sofre e sim uma atitude que brota do sentimento de igualdade àquele ser humano, pois também ele é imagem de Deus com os direitos que tal imagem lhe confere. Pensando assim, é justiça agir com misericórdia.

Nesta mesma linha interpretativa, pôde-se reconhecer que as obras de misericórdia sugeridas pelo catolicismo também se adequam à dimensão da justiça. Estas vão ao encontro a uma misericórdia com vistas a remediar os males do ser humano, não porque tem-se pena dos outros e sim, porque vê-se neles sua própria imagem refletida. Do mesmo modo, os luteranos recordam da necessidade da *diaconia*, isto é, do serviço. Assim, ser misericordioso é colocar-se a serviço do semelhante.

Percebe-se que também o islã reconhece a face misericordiosa de Deus e as atitudes, exemplos de misericórdia, de seu profeta, Mohamed. Ainda, apontou-se para uma dimensão não destacada pelos outros representantes religiosos: a misericórdia estende-se no cuidado com os outros seres vivos e na preservação do meio ambiente. Pode-se dizer, assim, que esta é uma visão prática mais ampla do conceito de misericórdia. Do budismo reconhece-se a proximidade que seu fundador, Buda Shakyamuni, tem ao mestre de Nazaré, Jesus. Ainda se vê de Nikkyo

## A compreensão e a prática da misericórdia em diferentes religiões

Niwano, fundador da Risho Kossei-kai, o desejo de aproximar, em um gesto de misericórdia, as religiões para cooperarem na salvação da humanidade.

Retornando aos conceitos, considera-se relevante a proposição que o papa Francisco faz a respeito da misericórdia: a misericórdia divina deveria estar tão relacionada com o julgamento dos pecados humanos, quanto a compaixão está como prática entre os próprios humanos. Ou seja, a compaixão expressa-se como face humana da misericórdia divina, que não permanece “indiferente à dor e ao sofrimento alheio” (FRANCISCO, 2016, p. 129). Este entendimento oportuniza a possibilidade de desenvolver uma consciência que procura viver a espiritualidade do cuidado em todas as dimensões, um “kairós de misericórdia” (FRANCISCO, 2016, p. 129).

Logo, acredita-se que a atitude da misericórdia-compaixão-solidariedade-justiça é remédio para o tempo atual da humanidade e para toda a criação, que de diversos modos e em diversos ambientes encontra-se ferida e muitas vezes abandonada pelo próprio ser humano. Acredita-se que, como ferramenta da misericórdia, o diálogo é caminho para o respeito do outro, de sua cultura e religiosidade.

Portanto, seja no campo da pesquisa, seja na vida prática do dia a dia, o ano dedicado à misericórdia foi uma verdadeira plataforma que proporcionou conhecimento recíproco no âmbito católico, ecumênico, inter-religioso e com as pessoas de boa vontade, fazendo perceber e redescobrir essa grandiosa prática que nos faz mais próximos uns dos outros. ✨

## REFERÊNCIAS

ACI DIGITAL. Papa Francisco pede teólogos capazes de dialogar com judeus e muçulmanos. **ACI Digital**, 21 jun.2019. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-pede-teologos-capazes-de-dialogar-com-judeus-e-muculmanos-14815>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

BIZON, José. Compreensão e a prática da misericórdia no catolicismo. Conferência proferida no evento Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. São Paulo, 26 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-isericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

BOTELHO, Rosângela. A compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. **Diálogo e Fraternidade**, 2 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-misericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

BOUSTANI, Houssam El. Compreensão e a prática da misericórdia no islamismo. Conferência proferida no evento Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. São Paulo, 26 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-isericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

CHIARA, Lubich. **Incontri com l'Oriente**. Introduzione, cronache e note di Enzo Maria Fondi. Roma: Città Nuova Editrice, 1986.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Declaração Nostra aetate**: sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

## Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

CUKIERMAN, Rogério. Compreensão e a prática da misericórdia no judaísmo. Conferência proferida no evento Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. São Paulo, 26 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-isericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

FORESI, Pasquale. **Deus nos ama!** Reflexões sobre a vida cristã. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

FRANCISCO. **A Igreja da misericórdia:** minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO. Carta apostólica Misericórdia et misera. **A Santa Sé**, 20 nov. 2016. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap\\_20161120\\_misericordia-et-misera.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html)>. Acesso em: 3 dez. 2019.

FRANCISCO. Misericordiae vultus. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. **A Santa Sé**, 11 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html)>. Acesso em: 3 dez. 2019.

FRANCISCO. **O nome de Deus é misericórdia.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

GRAF, Geraldo. Compreensão e a prática da misericórdia no luteranismo. Conferência proferida no evento Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. São Paulo, 26 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-isericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

MUCHERONI, Marcos L. A misericórdia é ética e ontológica. In: SANTOS, Ivaldo; POZZOLI, Lafayette (Orgs.). **Fraternidade e misericórdia:** um olhar a partir da justiça e do amor. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

NAKAHARA, Kazuyoshi. Compreensão e a prática da misericórdia no budismo. Conferência proferida no evento Compreensão e a prática da misericórdia nas diferentes religiões. São Paulo, 26 out. 2016. Disponível em: <<https://dialogoefraternidade.blogspot.com/2016/10/a-compreensao-e-pratica-da-isericordia.html?m=1>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

RÁDIO VATICANO. Dom Guixot no Japão: diálogo com budistas para construir pontes. **Rádio Vaticano**, 16 maio 2016. Disponível em: <[http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2016/05/16/dom\\_guixot\\_no\\_jap%C3%A3o\\_di%C3%AAllogo\\_com\\_budistas\\_para\\_construir\\_pontes/br-1230286](http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2016/05/16/dom_guixot_no_jap%C3%A3o_di%C3%AAllogo_com_budistas_para_construir_pontes/br-1230286)>. Acesso em: 3 dez. 2019.

RISHO KOSEI-KAI. **Founder of Buddhism**, 2019. Disponível em: <<https://rk-world.org/introduction/>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

RISHO KOSSEI-KAI. **Kyōten:** leitura do Sutra. Extratos do Sutra do Lótus. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova; Risho Kossei-kai do Brasil, 2001.

SANTOS, Ivaldo; POZZOLI, Lafayette (Orgs.). **Fraternidade e misericórdia:** um olhar a partir da justiça e do amor. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.